



A questão poética em Giambattista Vico

*Vitoria Vincent de Freitas**

Resumo: Este artigo investiga os diversos sentidos pelos quais a poesia pode ser considerada na reflexão filosófica de Giambattista Vico (1668-1744). Para o filósofo italiano, a poesia não trata apenas de uma questão literária, mas também de uma questão histórica e antropológica, de modo que ele concebe o tempo histórico primitivo como um tempo poético. O pensamento e a linguagem são intercambiáveis, congêntos e inseparáveis, de modo que toda poesia mítica e fantástica corresponde a um tipo de mentalidade que é poética. A linguagem, o pensamento e a realidade estão num constante confronto que implica interrelações dinâmicas de mútuas transformações. A fantasia, conectada à memória e à experiência social, cria os mitos e poesias primitivas. A linguagem poética e a linguagem racional diferem entre si. Mas, durante toda a história humana, não importando em qual período, sempre reaparecerá a possibilidade de usar figurativamente a linguagem.

Palavras-chave: Vico; Poesia; Linguagem

La questione poetica in Giambattista Vico

Riepilogo: Questo articolo indaga i diversi significati attraverso i quali la poesia può essere considerata nella riflessione filosofica di Giambattista Vico (1668-1744). Per il filosofo italiano la poesia non è solo una questione letteraria, ma anche una questione storica e antropologica, tanto che concepisce il tempo storico primitivo come un tempo poetico. Pensiero e linguaggio sono intercambiabili, congeniti e inseparabili, cosicché ogni poesia mitica e fantastica corrisponde a un tipo di mentalità che è poetica. Linguaggio, pensiero e realtà sono in un confronto costante che implica interrelazioni dinamiche di reciproche trasformazioni. La

* Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: vitoriaacademic.br@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4473441146936370>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2649-2869>.

fantasia, legata alla memoria e all'esperienza sociale, crea miti e poesia primitiva. Il linguaggio poetico e il linguaggio razionale differiscono l'uno dall'altro. Ma nel corso della storia umana, non importa in quale periodo, la possibilità di usare il linguaggio in senso figurato riapparirà sempre.

Parole-Chiave: Vico; Poesia; Língua

Giambattista Vico, filósofo do século XVIII, o século das Luzes, presenciou a consolidação da revolução científica ocorrida no século XVII, calcada na atenção exclusiva voltada às ciências naturais (Bosi, 1977, p. 201). Tributário dessa revolução, Vico percebe o abandono das humanidades e escreve sua obra chamada *Ciência Nova* (1725, reeditada em 1730 e 1744), dedicada a temas como a história, a política, a ética, o direito e a poesia. Essa última é a chave mestra da *Ciência Nova*, obra que pretende sistematizar as humanidades relegadas a segundo plano.

A filosofia de Vico, pouco pesquisada no Brasil, é de extrema relevância e principalmente no que diz respeito à poesia, pois, é por meio dela que podemos refletir e descobrir muito sobre os povos antigos. Vico, busca moldar uma epistemologia do conhecimento baseada através da poesia, assim, ele entende a evolução de cada idade como uma evolução do conhecimento em si. Entretanto, “É verdade que Vico foi um profeta desprezado em sua terra e em seu tempo, repudiado como obscuro, especulativo, *stravagante*, como dizem os italianos, ou mesmo um pouco doido.” (Burke, 1997, p. 14). Por esses e outros motivos muitos não procuram dedicar o mínimo de tempo para ler seus escritos e sua *Ciência Nova*, mas basta dedicar um pouco de seu tempo a esse filósofo que é possível enxergar a grande relevância que ele tem. A questão poética que Vico escreve não diz respeito só a algo abstrato ou ao vulgo, mas também nos leva a questões completamente históricas e filosóficas. Sua percepção da poesia é o cerne de sua epistemologia do conhecimento, dessa maneira, é importante estudá-lo para entender melhor como se dá a passagem do tempo histórico e da evolução do conhecimento.

Vico não se propôs apenas a estudar sobre a poesia, ele próprio era um poeta. Pois, ele acreditava que se aproximar daquilo que estava

estudando serviria de auxílio para entender melhor seu objeto. Essa foi a maneira que ele encontrou de tentar compreender a forma que os homens primitivos se sentiam, tornando assim mais fácil de estudá-los. Ele fazia poesia sem perder o vigor poético e civil. (Pecoraro, 2012, p. 56) Dessa forma, sendo Vico,

[...] ele mesmo um poeta, argumentava que tipos diferentes de poesia, como tipos diferentes de lei, eram apropriados a sociedades diferentes e que os homens primitivos eram necessariamente poetas, porque tinham imaginações fortes, que compensavam a fraqueza de sua razão (Burke, 1997, p. 15).

Vico compreendeu o papel da sabedoria vulgar, também compreendeu a importância do uso da linguagem e dessa forma não apenas quis escrever sobre a sua importância, mas também buscou e se apropriou dela. Assim, como fez poesia para ter melhor compreensão dos antigos, se apoderou da maneira estilística dos mesmos para representar ao leitor de que se trata sua pesquisa. Sendo assim, não apenas quem o lê tem conhecimento do que ele está falando, mas também pode ver seu uso. Assim ele incorporou aquilo que era seu instrumento de pesquisa em seus próprios escritos.

[...] deliberadamente se afastou da *'sapienza risposta degli addottrinati'* tomando uma estrada filosófica e estilisticamente diferente, rumo à sabedoria vulgar, ao senso comum dos povos, comunicando-se desde então vulgarmente, ou segundo uma língua, não douta, a italiana (Silva Neto, 2021, p. 110).

Para muitos essa decisão de Vico, em se apropriar estilisticamente da língua vulgar pode ser o motivo da dificuldade e obscuridade que se encontra em seus textos. Muitas ideias do autor ainda hoje se encontram a mercê de diversas interpretações, pois, o fato de não ser muito claro torna suas pesquisas difíceis de compreensão.

Para se ter uma ideia do objeto da *Ciência Nova*, no capítulo *Da sabedoria em geral*, Vico trata da questão da sabedoria e busca dar-lhe

uma breve definição. Ao fazer uma análise histórica da sabedoria humana, ele afirma que tudo que os filósofos entenderam sobre as coisas os poetas sentiram primeiro, sendo a sabedoria poética uma sabedoria vulgar (Vico, 2005, § 365). Vico reconhece o valor e o papel da poesia, e não a chama de vulgar no sentido pejorativo, mas no sentido em que a sabedoria poética não pode ser atribuída a uma sabedoria para além do que qualquer pessoa possa ter: é um saber atrelado ao senso comum, que não deriva da abstração, tampouco pode ser atribuído a uma reflexão refinada ou alguma genialidade especial. Assim, na sabedoria poética nada há de especial, contudo, ainda assim o autor busca investiga-la por ver nela sua importância. Para ele, a matéria da poesia vem da época de seu mundo, por isso sendo ela vulgar é reflexo de sua cultura. Uma poesia mais refinada é reflexo de uma sociedade mais refinada.

Diante da abordagem sobre a antiga sabedoria poética, Vico divide a história da humanidade em três idades: idade dos deuses, idade dos heróis e idade dos homens (Vico, 2005, § 52). Para Vico, cada uma das três idades contém um tipo de linguagem e cada uma delas “[...] deve almejar os mais altos bens, mas, segundo o mito, como estes bens já foram realizados na história passada, mais fácil será obtê-los por imitação.” (Silva Neto, 2021, p. 145). A idade divina pode ser definida como aquela em que não há racionalidade abstrata, em que os homens são brutais, selvagens e se guiam somente pelos sentidos e paixões aflorados: perturbados e comovidos, os homens percebem pela primeira vez os deuses na natureza e os nomeiam, formando os primeiros núcleos sociais, isto é, as famílias. A idade heroica pode ser entendida como um desdobramento da primeira forma altamente religiosa, caracterizada pela severidade dos costumes fundadores das primeiras cidades, em que se desenvolve com mais profundidade a razão poética, que seria uma primeira forma de racionalidade, marcada pela fantasia e pela memória, faculdades que criam os mitos, os deuses e seu mundo.

Assim, floresce espontaneamente a poesia em uma mente repleta de memória e fantasia, faculdades que ocorrem sempre juntas: a primeira armazenando as

sensações e disponibilizando-as para o trabalho das faculdades, a outra formando imagens a partir dos dados disponíveis na memória, trama essa confirmada pelos antigos gregos que chamavam as Musas, filhas da Memória, divindades inspiradoras dos poetas [...] (Silva Neto, 2018, p. 160).

Sendo assim, “[...] é memória, enquanto recorda as coisas; fantasia, enquanto as altera e contrafaz; [...]” (Vico, 2005, § 819). Por fim, a idade dos homens consiste no momento em que se desenvolve a racionalidade lógica: é uma idade em que a humanidade não se expressa predominantemente por meios fantasiosos típicos da tradição oral e do imaginário popular, mas, sim, através da escrita e da matemática, que constituem a linguagem abstrata por excelência.

Sobre os homens primitivos, Vico afirma que eles tiveram sua origem após o dilúvio, aceitando assim toda a história bíblica que antecede esse acontecimento. O autor busca não entrar em conflito com a igreja, desta forma prefere tomar como ponto de partida um acontecimento bíblico diretamente como um fato histórico. Para podermos entender sobre algo, Vico diz ser necessário a apreensão “[...] do conhecimento das origens de qualquer fenômeno humano para que este possa ser filosoficamente aprendido.” (Santos, 2021, p. 66). Por isso, ele busca a origem do homem primitivo e tenta explicá-la. Vico exclui os hebreus e busca reconstruir a história gentílica porque, para ele, essa é passível de ser conhecida, pois, é desenvolvida lentamente. (Santos, 2021, p. 67-68). Explica que, após o dilúvio, os seres humanos passaram a agir de forma selvagem:

[...] as mulheres, que em tal estado deviam ser selvagens, relutantes e esquivas, e assim desesperados para encontrar alimento e água, as mães abandonando os seus filhos, estes devem ter crescido, pouco a pouco, não só sem ouvir voz humana, mas também sem aprender costumes humanos, pelo que chegaram a um estado, de facto, animal e ferino (Vico, 2005, § 369).

A partir da história sagrada do dilúvio, Vico consegue justificar a ideia de que os primeiros seres humanos são completamente selvagens e impossibilitados de qualquer comunicação verbal, restando apenas a comunicação através de sinais uns com os outros. Nessa condição de estado primitivo “a poesia é a primeira manifestação [...] a palavra antes da linguagem extrai da sensibilidade o sentido.” (Guido, 2021, p. 91). Sendo assim, ele acredita que os seres humanos se desenvolveram inicialmente tal qual como qualquer outro animal, se utilizando da comunicação não verbal até finalmente desenvolver a linguagem e a racionalidade como conhecemos hoje. Frequentemente em sua obra, Vico serve-se da analogia entre o homem primitivo e as crianças. Em várias passagens, ele ressalta essa semelhança:

É da natureza das crianças que, com as ideias e nomes dos homens, mulheres e coisas que pela primeira vez conheceram, a partir delas e com eles aprendem depois e denominam todos os homens, mulheres e coisas que têm com as primeiras alguma semelhança ou relação (Vico, 2005, § 206).

A mente humana, assim como na infância, faz reconhecimento por similaridade “[...] para dar sentido ao que, do contrário, não faria sentido algum. Assim, encontrar semelhanças é o modo mais natural e primitivo de dar sentido às coisas desconhecidas.” (Santos, 2021, p. 146). É dessa maneira que ocorre a sabedoria poética, se dando por meio de semelhanças e assim também ocorre com a criação de mundo, “os homens ignorantes das causas naturais que produzem as coisas, quando não as podem explicar nem mesmo por coisas similares, atribuem às coisas a sua própria natureza” (Vico, 2005, § 180).

Essa relação que a criança estabelece com aquilo que conhece pela primeira vez, ao associar o nome de um indivíduo a um conjunto de indivíduos semelhantes, que resulta numa sinédoque, Vico projeta no homem primitivo: ele associa por semelhanças. E, conforme vai associando as coisas umas às outras, os homens selvagens começam a se comunicar, ainda que de uma forma bem pouco articulada e elaborada. Assim surge a primeira forma de escrita, o hieróglifo. Nessa ignorância

primitiva, os seres humanos são selvagens, mas tementes aos deuses, aceitando tudo aquilo que os oráculos lhes diziam. Vico, considera que “[...] os homens do mundo infantil foram, por natureza, sublimes poetas”, pela necessidade de buscar sentidos e dar paixões as coisas que não tem sentido e nem razão de ser (Vico, 2005, § 369). As crianças buscam fazer exatamente isso, e por esse motivo são verdadeiramente poéticas também.

Os homens primitivos não enganavam a si mesmos ao criarem os deuses, pois, “[...] os homens são naturalmente levados a conservar as memórias das ordens e das leis que os mantenham dentro da sua sociedade.” (Vico, 2005, § 811). Para Vico, é inquestionável a real autoria dos seres humanos no mundo (Santos, 2012, p. 66). Os homens primitivos metaforizaram sobre o mundo, tal como exemplos citados pelo próprio Vico, os homens utilizavam dessas metáforas (olho da fonte, pé da montanha, dente do arado, etc) para compreender melhor o mundo a sua volta. “As imagens poéticas não são cópias do real, pois são elas que capturam o real e se deixam capturar por ele, isso ocorre porque há dois operadores virtuais que articulam as potências nativas, são eles: a memória e o engenho¹.” (Guido, 2021, p. 82). Dessa forma, a poesia sendo muito mais do que a história, não retrata apenas aquilo que se alcança no mundo sensível, mas relata também aquilo que podemos alcançar no mundo inteligível e na metafísica, ou seja, todos os deuses e regras criadas pela própria mente humana são tão reais quanto qualquer relato histórico se diferindo apenas no fato de que os relatos poéticos não se restringem ao que enxergamos e são propensos a se deixarem levar pela imaginação, algo que era muito vivo nas mentes primitivas.

Para Vico, heróis e bárbaros poderiam ser considerados sinônimos. Para ele “a idade dos heróis era heroica apenas num sentido ambíguo ou irônico, uma vez que Vico a definiu como uma idade em que a força era o direito.” (Burke, 1997, p. 31). Ele não está menosprezando essa idade, mas afirmando que por não serem tão racionais como na idade civil o uso da

¹ Para Vico, o engenho é uma das faculdades mentais mais importantes da mente humana. Ela permite que os seres humanos inventem e criem coisas, principalmente através da linguagem e da criação de conceitos. Ele utiliza esse conceito para e referir à faculdade humana da imaginação, criatividade e inventividade, que desempenha um papel crucial na formação da cultura e na criação de conhecimento.

força era mais aceitável do que o uso da razão, e dessa forma o mais forte era quem detinha os direitos sobre os demais. Vico não tinha preferências entre uma idade ou outra, para ele cada uma continha suas próprias peculiaridades e questões a serem investigadas, dessa forma ele “[...] negava que alguma das três idades pudesse ser considerada melhor ou pior do que a outra [...]” (Burke, 1997, p. 32).

Para outros filósofos o homem primitivo é visto como aquém da história da humanidade e da própria história, o que de certa maneira traria uma inferioridade aos bárbaros em relação aos modernos, julgando-os desprovidos de razão. Vico repudia essa afirmação, para ele o homem primitivo é tão importante quanto os que utilizam da razão abstrata e sua sabedoria poética foi o que levou a humanidade a evoluir até encontrar-se na era civilizada. A poesia é na sua essência a criação de mundos e foi o homem primitivo e a sabedoria poética que deram origem as outras duas idades.

Dessa maneira, a poesia tendo sido a fundadora da humanidade, diretamente ligada ao nascimento das artes, demonstra que os primeiros homens poetas foram assim por natureza. Tomando como modelo as crianças, que sempre adoram imitar, Vico sustenta que os primeiros homens não podem discorrer sobre o mundo senão por imitação (Vico, 2005, § 216). Assim,

[...] entendendo o conhecimento por imitação típico da infância, instaurador da poesia, desde o horizonte da história das nações. A poesia seria vista por ele, então, como uma natureza humana, a infantil, tosca e bárbara da humanitas nascente, instauradora das primeiras idades das nações e contrastante, no plano da história, com a maturidade dos filósofos que se amontoam nas Repúblicas (Silva Neto, 2018, p. 168).

Vico explica que na idade heroica a poesia foi pouco a pouco perdendo a força, tornando-se impropria e dando lugar à prosa mesmo antes de Homero (Vico, 2005, § 221). Dessa forma a poesia foi corrompida e,

[...] as fábulas, as quais, quando do seu nascimento, tinham surgido direitas e convenientes, chegaram a Homero tortas e indecentes; como se pode observar ao longo de toda a Sabedoria poética aqui acima reflectida, pois todas foram primeiramente histórias verdadeiras que, a pouco e pouco, se alteraram e se corromperam e, assim corrompidas, chegaram finalmente a Homero (Vico, 2005, § 808).

Vico confere a Homero grande importância por trazer luz a idade heroica, mas não com a visão que geralmente se tinha sobre a poesia homérica. “Não se trata de um ponto de vista qualquer, uma vez que as considerações desse filósofo quebram a imagem [...] construída sobre Homero [...]” (Silva, 2011, p. 11). Vico buscou trazer uma nova perspectiva sobre as obras de Homero, e por meio dos seus estudos, dividiu a “história fabulosa dos dois poemas homéricos [...] como um documento histórico das origens do mundo social” (Santos, 2005, p. 21). Com isso chegou à conclusão de que seus poemas não tiveram uma sabedoria além daquela que o senso comum pode oferecer, e Homero, assim como a época em que vivia tinha uma sabedoria vulgar. Com essa afirmação novamente o autor retrata que a poesia nada pode oferecer além daquilo oferecido no contexto que se encontra, contudo, ainda assim ela consegue ser importante por se apropriar da imaginação e da arte do criar.

Se a sabedoria de Homero, como afirma Vico, era vulgar, por qual motivo muitos filósofos se inspiraram em suas obras para meditar? Vico, rebate a tese da existência de uma sabedoria secreta escondida nos mitos, que somente os filósofos seriam capazes de acessar. Parece bastante discutível que alguém com tal sabedoria vulgar possa ser capaz de produzir uma obra com uma sabedoria filosófica oculta. Os filósofos depositaram suas questões nas obras homéricas para meditar, pois, como afirma Vico “[...] há que negar a Homero toda e qualquer sabedoria secreta.” (Vico, 2005, § 787). Vico afirma que Homero não era filósofo, não poderia ser tal, já que não era detentor de uma sabedoria diferenciada da sabedoria vulgar (Santos, 2005, p. 22). Assim, Vico afirma que, “[...]sendo o fim da poesia o de domesticar a ferocidade do vulgo, no qual os poetas são

mestres, não era próprio de um homem sábio despertar no vulgo a admiração por esses sentimentos e costumes tão ferozes para com eles deleitar [...]” (Vico, 2005, § 782). Além disso, afirma também, que por ser poeta, também era sábio, mas não se trata de um indivíduo e sim de ciclos poéticos de domínio público, sendo que suas obras tiveram grande importância para a formação do caráter dos gregos arcaicos. Vico não descarta a possibilidade de uma sabedoria, mas nega que haja alguma sabedoria oculta que só os filósofos são capazes de enxergar na poesia homérica, “se por um lado Vico mostra o lado bárbaro, cruel, violento do homem primitivo, ao mesmo tempo, ele capta o aspecto imaginativo e criador da expressão mítica que está na raiz de uma forma de “sabedoria” – a sabedoria poética – que inaugura o mundo civil.” (Pereira Filho, 2009, p. 81).

A propósito da questão homérica, Vico investiga também as origens de Homero, quem era ele? Onde nasceu? E, chega à conclusão de que parece que ele viveu nos fins da idade heroica (Silva, 2011, p. 16). Porquanto Homero têm diversos dialetos e descrições precisas de várias regiões em suas obras, Vico discute se ele poderia ter sido não um homem, mas uma idealização de um poeta, que foi todos e ninguém em simultâneo, e que seus poemas não passaram da construção do povo (Santos, 2005, p. 23). Por isso, tiveram grande difusão, de modo que é difícil saber de onde Homero vem, uma vez que seus poemas contêm dialetos de distintas regiões.

Homero não foi um único homem, foram no mínimo dois, um mais antigo da *Iliada*, outro mais recente da *Odisseia*. Conquanto seja mais provável tratar-se de ciclos poéticos envolvendo vários poetas, a obra de Homero teve grande importância na formação da sociedade grega. Apesar de não ter sido filósofo, trouxe grandes contribuições para a filosofia através de seus poemas, sendo então pai de todos os poetas e o primeiro historiador. Os poemas homéricos trazem diversas lições para que se possa meditar. Por esse motivo, Vico buscou entender quem foi o verdadeiro Homero, dedicando um livro inteiro para essa investigação em sua obra *Ciência Nova*.

Além de tratar da origem das nações à luz do testemunho da poesia homérica, legítimo retrato da era dos heróis, Vico reflete sobre a era dos homens, isto é, a idade da civilização racionalizada, que se utiliza dos universais lógicos e já adaptada à escrita convencional (Bosi, 1977, p. 201). Os universais lógicos são conceitos universais e abstratos utilizados para a comunicação. Na linguagem racional, predominam os substantivos abstratos, em detrimento das figuras de linguagem, mais ligadas à imaginação e a fantasia. Podemos chama-la de “linguagem racional” porque diferente da poesia, ela “subordina os nomes e as figuras a categorias [...]” (Bosi, 1977, p. 207).

No contexto em que Vico decide escrever a *Ciência Nova* há uma contraposição de termos, como, por exemplo, o termo “barbárie” opondo “sabedoria”, levantando diversos questionamentos a questão da maneira de como se deu a passagem da natureza humana primitiva para o estado civil (Pereira Filho, 2009, p. 76-77).

[...] é a partir de uma análise histórico-genética das formas de vida das sociedades primitivas que Vico pretende mostrar o lado subterrâneo e a origem mítica que está na base ou fundação da vida civil. [...] procura mostrar o caráter infundado da ideia de uma natureza humana absoluta (Pereira Filho, 2009, p. 78).

A sabedoria poética fundou a civilização, os primeiros homens que eram naturalmente poéticos, segundo Sammer (2013, p. 189), “vivendo sob a intensidade de suas próprias paixões, esses teriam dado início ao mundo civil pela habilidade que tinham em construir metáforas”. Os homens da idade divina e da idade heroica por meio de suas paixões modeladas pela poesia, conseguiram chegar à idade da civilização. Diferentemente dos poetas antigos, os modernos não podem sentir a poesia como ela um dia já foi sentida, mas de acordo com Vico, é possível se aproximar desses sentimentos porque temos a mesma mente humana (Sammer, 2013, p. 189). Então, ainda que o autor tenha buscado se aproximar do seu objeto de estudo, nem ele foi capaz de sentir a poesia como os antigos sentiram.

Para Vico, os selvagens ou *bestioni*, como ele denomina, ‘tinham a mente sepulta no corpo’, expressavam-se inicialmente na linguagem muda do gesto e, ao projetarem antropomorficamente na realidade suas próprias necessidades corporais, acabaram por dar uma certa ordenação às suas paixões, pois temiam os deuses forjados por suas próprias mentes (Pereira Filho, 2009, p. 80-81).

Para Vico, assim como é atribuída de maneira incorreta a poesia nos homens modernos, que acreditam poder senti-la da mesma forma que os antigos, também é errado o jeito como tratam essa linguagem.

Vico achava que a ideia de que os mitos fossem uma linguagem filosófica secreta era um anacronismo, exatamente como o estado de natureza visto pelos teóricos do direito natural. Em ambos os casos, uma racionalidade moderna era erroneamente atribuída ao homem primitivo (Burke, 1997, p. 57).

Vico acredita que os seres humanos não têm um caráter natural absoluto, dessa forma a origem mítica que é a base para as outras idades levam o homem ao estado civil, como se de certa forma Vico afirmasse que a humanidade sempre teve em si uma pré-disposição a evoluir de maneira que criando poeticamente em sua mente passou a evoluir para formas mais abstratas e racionais levando enfim a vida civil, e última idade. O homem cria a si mesmo e ao mundo por meio da imaginação e da fantasia, assim como os primitivos criaram através de suas mentes os deuses, “[...] sozinhos esses bárbaros originais fingiram a substância divina e acreditaram ver os deuses na Terra [...]” (Guido, 2021, p. 81), também criaram os mundos que vieram nas outras idades. Portanto, é possível afirmar que a idade dos deuses é extremamente relevante para a epistemologia desenvolvida posteriormente e para a evolução intelectual humana.

Na crítica à filosofia cartesiana, que entende a metáfora como apenas um meio dispensável para expressar conceitos, desvinculada da necessidade,

“Vico entende que o processo inerente à formação das mais belas metáforas seja o da narração” (Bosi, 1977, p. 212). A maneira com que a filosofia cartesiana lida com as metáforas é um equívoco: “Vico encontra, [...] na tradução literal do grego *mythos*, ‘verdadeira narração’, o fundamento da lógica poética [...]” (Sammer, 2013, p. 190). O erro dos filósofos modernos, segundo Vico, é interpretar a poesia antiga a partir da percepção que se tem sobre o mundo atual. Ele deixa claro que a poesia antiga não é realista como a história, ela é algo além da realidade, pois, “[...] primeiro, deve ter nascido a história, depois, a poesia; porque a história é uma simples enunciação da verdade, mas a poesia acrescenta-lhe uma imitação.” (Vico, 2005, § 812). Ela é o primeiro tipo de narração de fatos que foi produzida: “[...] a concepção viquiana das fábulas e dos caracteres poéticos² antigos não nos permite compreendê-los como imitação de uma realidade primeira.” (Sammer, 2013, p. 195). A poesia em qualquer época mantém o que a faz ser poesia, não importa em qual era os seres humanos estejam, a poesia sempre irá ressurgir porque em todos os momentos existem possibilidades de usarmos as figuras de linguagem e tudo o que compõe a poesia (Bosi, 1977, p. 208). A sabedoria se transforma a cada idade, mas é inegável que existe uma sabedoria poética, mais antiga e primitiva:

[...] a sabedoria poética, que foi a primeira sabedoria da gentildade, deve ter começado de uma metafísica, não reflectida e abstracta como é esta agora dos instruídos, mas sentida e imaginada como deve ter sido a desses primeiros homens, pois que eram de nenhum raciocínio e com todos os sentidos robustos e com vigorosíssimas fantasias, tal como nas Dignidades³ foi estabelecido (Vico, 2005, § 375).

² Na visão de Vico, a poesia era uma forma de comunicação que permitiu os seres humanos expressarem suas emoções, imaginação e experiências de maneira que ia além da prosa. Portanto, na concepção de Vico os caracteres poéticos se referem aos elementos da linguagem e da expressão que são usados na poesia para criar imagens vívidas, metáforas, alegorias e simbolismo, enriquecendo a compreensão da experiência humana.

³ Para Vico, a dignidade está relacionada à capacidade humana de criar cultura e conhecimento. Ele enxergava a mente como um objeto criativo modelador da realidade e da história através da linguagem e das instituições sociais. Sendo assim, a capacidade humana

Os primeiros poetas desenvolveram uma metafísica poética antes mesmo do conceito de metafísica existir. Para ser desenvolvida ela não precisa de reflexões abstratas. A metafísica em geral, para Vico, refere-se a um mundo mental: se os poetas primeiro foram capazes de criar uma metafísica poética sem fazer uma reflexão abstrata, significa que essa metafísica coincide com a criação de um mundo mental povoado por deuses poeticamente imaginados. Os primeiros poetas tinham tanta fantasia dentro de si, que a realidade lhes aparecia de maneira naturalmente metafísica, fantástica e animada por divindades.

Deste modo, os primeiros homens das nações gentias, como crianças do nascente género humano, como também nas Dignidades o tínhamos estabelecido, criavam as coisas a partir das suas ideias, todavia com infinita diferença em relação ao criar próprio de Deus: porquanto Deus, no seu puríssimo entendimento, conhece e, conhecendo-as, cria as coisas; eles, pela sua robusta ignorância, faziam-no em virtude de uma corpulentíssima fantasia e, porque era muito corpulenta, faziam-no com uma espantosa sublimidade, tal e tanta que perturbava excessivamente esses mesmos que fingindo as criavam, pelo que foram chamados «poetas», que em grego significa o mesmo que «criadores» (Vico, 2005, § 376).

De maneira diferente dos homens modernos, os primeiros homens, assim como as crianças, agiam de maneira genuína. Por causa da sua ignorância o homem primitivo se vale da sua fantasia para criar um mundo talhado por essa faculdade da mente. Mas, a criação de Deus e a criação do homem são muito diferentes, Deus criava como ser infinito e o homem como ser finito. A poesia então, nasce daqueles que fingiam e criavam

de criar ordem, significado e cultura é um aspecto importante da dignidade humana em sua visão.

mundos fantásticos, que é a imitação da realidade, ou melhor, a imitação da perfeição da criação de Deus. A poesia é a imitação de algo além da história, e algo além pode ser a relação existente com o que Deus cria.

Se os filósofos e os poetas perseguem o verdadeiro, os primeiros o perseguem conceitualmente, os segundos por meio das sentenças poéticas, ou seja, afastando-se das formas comuns do verdadeiro para forjar outras mais excelentes e deixam a natureza incerta para seguir aquela constante: aderem então ao falso para tornarem-se de certo modo mais verdadeiros (Martirano, 2012, p. 254).

Vico afirma que as grandes poesias precisam “encontrar fábulas sublimes apropriadas ao entendimento popular e que perturbem excessivamente, para conseguir o fim, a que ela se propôs, de ensinar o vulgo a agir virtuosamente, como eles a si mesmos o ensinaram” (Vico, 2005, § 376), ou seja, esse é o esforço que um grande poeta deve fazer para tornar suas poesias grandes e valiosas. Originalmente, as poesias eram irrefletidas e naturais. Por isso, ainda diz que “comprova-se que por defeito do raciocínio humano nasceu a poesia tão sublime que, para as filosofias que surgiram depois, para as artes tanto poéticas como críticas, [...], não apareceu outra maior nem mesmo igual”. A poesia não surgiu simplesmente do nada, foi um meio que o homem no estado de natureza encontrou para suprir a sua ignorância e carência do raciocínio abstrato. Por estar atrelada a necessidade humana, a poesia consolida-se como uma forma de sabedoria, e nenhum outro tipo de arte racional e abstrata será capaz de supera-la, ainda que seja primitiva, própria de uma era gentílica brutal, que aos olhos modernos parece completamente irracional e desprovida de sabedoria.

A relação entre a poesia e sabedoria passa pela relação entre a linguagem poética e a realidade. “Vico foi o pensador que viu de maneira dinâmica não só as diferenças entre modos de se enfrentarem palavra e realidade, mas, e sobretudo, o seu tenso convívio” (Bosi, 1977, p. 203). A palavra convencionalizada faz parte dos universais lógicos, ela intermedia a

comunicação humana racional. Mas, antes da palavra convencionalizada havia comunicação por relações naturais de semelhanças entre as palavras e as coisas, através dos universais fantásticos⁴ que intermediavam a forma como os homens primitivos se expressavam e se comunicavam.

Para Vico, a palavra não é exatamente externa à realidade e nem a realidade é exatamente como a palavra. As palavras são ambíguas, uma mesma palavra pode ter diversos significados, e por conta disso as ambiguidades passaram a ser temidas. A propósito Bosi reflete sobre a nova conotação do termo espiga como o símbolo do ano agrícola: “Depois, a simbolização, isto é, a passagem do significado primitivo ao significado novo (uma espiga = um ano de colheita) [...]” (Bosi, 1977, p. 216). Ele explica que esse novo significado pode surgir de modo analógico, mas o ponto é que Vico entende a ambiguidade das palavras como fruto de um processo histórico de sedimentação de analogias: uma espiga não significa um ano de colheita, a realidade é que uma espiga é apenas uma espiga. Assim como no exemplo do próprio Vico, “pé da montanha” não se refere literalmente a um pé. Parte do grande conflito entre realidade e palavra se dá principalmente por conta dessas analogias. Mas se não se sabe o que é a realidade, como utilizar de maneira adequada as palavras? Há sempre uma descontinuidade entre o mundo mental ao qual a palavra se refere e o mundo fora da mente humana, sendo inefável. No limite, é sempre um processo de sobreposição de camadas analógicas que nos aproxima da realidade. Segundo Vico, as palavras são símbolos das ideias e as ideias são símbolos das coisas. A realidade a qual temos acesso é sempre uma simbolização.

A simbolização da realidade e a ambiguidade das palavras ocorre por conta das figuras de linguagem. “A reflexão filosófica sobre as figuras de linguagem está inserida, em Vico, no contexto de uma abordagem filosófica acerca da poesia, da retórica e da linguagem em geral.” (Santos, 2021, p. 143). Então quando utilizamos uma expressão para nos referir a algo no mundo, como no exemplo da espiga ou do pé da montanha, estamos simplesmente utilizando na forma de figura de linguagem a imagem, que ilustra a nossa

⁴ Na visão de Vico, a mente humana tanto percebe o mundo, quanto o interpreta, classifica e cria significados por meio da linguagem e da imaginação. Essa capacidade consiste no que são os universais fantásticos.

realidade. Dessa forma “A ideia de uma coisa não é senão uma imagem que a representa por meio de semelhanças.” (Santos, 2021, p. 148).

Em resumo, a imaginação robusta e a fantasia vigorosa dos homens primitivos os levaram a criar deuses e mitos, constituindo assim o início da sabedoria poética. A criação poética de mundos e divindades permitiu que esses povos primitivos entendessem a realidade de uma maneira que transcendia a pura abstração. Eles perceberam o mundo por meio de suas sensações e paixões, dessa forma, estabeleceram uma base para o entendimento humano.

Vico rejeita a noção de que a poesia seja apenas uma forma de expressão superficial. Pelo contrário, ele acredita que a poesia desempenhou um papel fundamental na evolução do pensamento humano e da civilização. A sabedoria poética é a forma pela qual os seres humanos, em seus primórdios, deram sentido ao mundo e às suas próprias experiências, conectando-se com a realidade por meio da imaginação e da fantasia. Por sua vez, permitindo o desenvolvimento de uma linguagem simbólica e metafórica, que transcendia o mero relato fático e abstrato.

Por fim, é notável o quanto Giambattista Vico valoriza profundamente a poesia e a sabedoria poética como elementos essenciais para compreender a evolução da humanidade e sua relação com o mundo. Ele acredita que a poesia não é apenas uma forma de arte, mas uma ferramenta fundamental para explorar a mente humana e sua busca por significado e compreensão.

Referências

- BOSI, A. “Uma leitura de Vico”. In: *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Edusp, 1977.
- BURKE, P. *Vico*. São Paulo: Fundação da Editora UNESP, 1997.
- GUIDO, H. As semióticas da primeira barbárie: O conceito de poiesis na Scienza nuova. In: GIRARD, P. ; SILVA NETO, S. A. *Linguagem e estilo em Vico*. Campinas: Editora PHI LTDA, 2021. p. 77-90.
- MARTIRANO, M. Vico e a construção do mundo humano. In: GUIDO, H; SEVILLA, J. M; SILVA NETO, S. A. *Embates da razão: Mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: EDUFU, 2012. p. 251-276.

- PECORARO, R. Vico poeta. In: GUIDO, H; SEVILLA, J. M; SILVA NETO, S. A. *Embates da razão: Mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: EDUFU, 2012. p. 55-64.
- PEREIRA FILHO, A. J. O riso de Ulisses: Sabedoria e barbárie em Vico. In: SANTOS, A. C; PIRES, C; HELFER, I. *História e Barbárie*. Aracaju: UFS, 2009. p. 76-90.
- SAMMER, R. *Os caracteres poéticos de Giambattista Vico*. São Paulo: Editora Unifesp, 2021.
- SANTOS, A. C. Corpos, Metáforas e Deuses. In: GUIDO, H; SEVILLA, J. M; SILVA NETO, S. A. *Embates da razão: Mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: EDUFU, 2012. p. 65-80.
- SANTOS, V. C. Vico e a descoberta do verdadeiro Homero. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*. Maringá: EDUEM, v. 27, n. 1, p. 21-30, 2005. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v27i1.1166>.
- SANTOS, V. C. A importância da linguagem imagética em Vico. In: GIRARD, P; SILVA NETO, S. A. *Linguagem e estilo em Vico*. Campinas: Editora PHI LTDA, 2021. p. 143-164. DOI: <https://doi.org/10.12795/Vico.2018.i32.44>.
- SILVA NETO, S. A. Vico, filósofo de la poesía. *Cuadernos sobre Vico*. Sevilla, 2018, p. 317-322. <https://doi.org/10.12795/Vico.2018.i32.44>
- SILVA NETO, S. A. As poéticas da Selva e da Melancolia: Sobre o estilo da Scienza nuova de Vico. In: GIRARD, P; SILVA NETO, S. A. *Linguagem e estilo em Vico*. Campinas: Editora PHI LTDA, 2021. p. 109-128.
- SILVA NETO, S. A. Vico e a natureza poética primitiva. *Metafísica do gênero humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: EDUFU, 2018. p. 157-182.
- SILVA, A. R. A Poética De Homero Pela Visão De Giambattista Vico. *Revista ECOS*, Mato Grosso: UNEMAT, 2011 v. 11, n. 2.
- VICO, G. *Ciência Nova*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005.

Data de registro: 17/05/2023

Data de aceite: 04/10/2023